

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

**MARIA LUIZA RAMOS RIESS**

**TRABALHO EM GRUPO:  
INSTRUMENTO MEDIADOR  
DE SOCIALIZAÇÃO E APRENDIZAGEM**

São Leopoldo  
2010

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

**MARIA LUIZA RAMOS RIESS**

**TRABALHO EM GRUPO:  
INSTRUMENTO MEDIADOR  
DE SOCIALIZAÇÃO E APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FACED/UFRGS.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Dóris Maria Luzzardi Fiss

Tutora: Luciane Machado

Porto Alegre

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

**Reitor** : Prof. Carlos Alexandre Netto

**Vice-Reitor**: Prof. Rui Vicente Oppermann

**Pró-reitora de Graduação**: Prof<sup>a</sup> Valquiria Link Bassani

**Diretor da Faculdade de Educação**: Prof. Johannes Doll

**Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD**: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus, pela oportunidade dada em frequentar este curso, compartilhar experiências e aprofundar conhecimentos.

Ao meu marido Alexandre e aos meus filhos Gustavo e Júlia, amores de minha vida, pela paciência em tolerar minha ausência.

Aos meus pais, pelo carinho, atenção e incentivo.

Às colegas Daiany e Fernanda, pela companhia, trocas e apoio demonstrando amizade e solidariedade.

A todos os professores e tutores pela dedicação demonstrada ao longo do curso.

A minha Orientadora Prof<sup>a</sup> Dóris Maria Luzzardi Fiss, pela simpatia e presteza no acompanhamento e auxílio na construção e conclusão deste trabalho.

## RESUMO

Esta pesquisa enfatiza a importância de se desenvolver trabalhos em grupo em sala de aula para a interação social e a construção de aprendizagens significativas com práticas pedagógicas diversificadas. Ele provém de uma análise qualitativa que investiga e busca interpretar as características dos grupos e de seus líderes e como ocorre o processo de aprendizagens mútuas. Acredita-se no processo construtivo da aprendizagem, sendo necessário, para isso, lançar problemas e desafios, a fim de que os alunos utilizem seus conhecimentos prévios, na busca de respostas, refletindo, discutindo, interpretando e criando em meio a trocas com os colegas. Baseando-se numa prática interativa que respeita e valoriza o saber do aluno, o trabalho em grupo é compreendido como uma dinâmica que, por hipótese, pode desenvolver a autonomia, talvez revelando maior produtividade, envolvimento e cooperação dos alunos que nele descubrem uma experiência de aprendizagem coletiva. Estes são os aspectos investigados por meio da observação participante e da análise das práticas propostas e das produções da turma que se constituíram em memória por meio dos registros feitos em um Diário de Bordo durante o período do Estágio Curricular Obrigatório do Curso de Pedagogia (abril a junho de 2010), realizado com turma de 4º ano, composta por 35 alunos, em uma Escola Pública da Rede Municipal de São Leopoldo. Este estudo busca, então, entender como a dinâmica do trabalho em grupo contribui para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, objetivando identificar a importância de familiarizar os alunos com essa forma de trabalho que, muitas vezes, é banalizada e pouco valorizada pelos educadores. A articulação teórica se faz a partir de referenciais baseados em Madalena Freire, Pichon-Rivière e Paulo Freire por apresentarem colaborações relevantes sobre este assunto, não desprezando outros autores que também contribuem para o desenvolvimento do estudo.

**Palavras-chave:** Grupo. Trabalho em grupo. Aprendizagem. Interação social.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>2 CONCEITUAÇÕES DE GRUPO E PROCESSO GRUPAL.....</b>	<b>09</b>
2.1 Funcionamento e desenvolvimento de Grupo.....	11
2.2 A Dinâmica grupal e o papel de coordenador ou facilitador.....	13
2.3 A influência do grupo e as aprendizagens construídas pelos sujeitos.....	14
2.4 Semelhanças entre as ideias de Paulo Freire e Pichon-Rivière.....	14
<b>3 VIVENCIANDO TRABALHO E APRENDIZADO EM GRUPO.....</b>	<b>18</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>26</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>27</b>
<b>ANEXO A – Brinquedos confeccionados com sucata.....</b>	<b>29</b>
<b>ANEXO B – Cartazes com slogans.....</b>	<b>30</b>
<b>ANEXO C – Jogos em pequenos grupos.....</b>	<b>31</b>
<b>ANEXO D – Cartazes com mosaico.....</b>	<b>32</b>
<b>ANEXO E – Declaração dos Direitos dos Animais de Estimação.....</b>	<b>33</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*El sujeto no es solo un sujeto relacionado, es un sujeto producido en una praxis. No hay nada en él que no se ala resultante de la interación entre individuo, grupos y clases.”  
(Enrique Pichon-Rivière)*

No decorrer do meu Estágio Curricular, atuei desenvolvendo práticas pedagógicas diversificadas, em uma Escola da Rede Municipal de São Leopoldo, com uma turma de 4º ano, composta por 35 alunos. Em meio às práticas pedagógicas, o trabalho em grupo atraiu minha atenção, destacando-se em minhas aulas por surtir efeito incentivador e motivador na aprendizagem dos meus alunos e, conseqüentemente, trazer acréscimo à minha vida profissional, o que me desafiou a lançar um novo olhar para as atividades em grupo e aprofundar meu estudo na busca de conhecimentos teóricos.

Baseada numa prática interativa que respeita e valoriza o saber do aluno, ressalto o trabalho em grupo como uma dinâmica que, por hipótese, pode desenvolver a autonomia, talvez revelando maior produtividade, envolvimento e cooperação dos alunos que nele descobrem uma experiência de aprendizagem coletiva. Estes são os aspectos que enfoco como objetos a serem investigados por meio da análise das práticas propostas e das produções da turma.

Sabemos que o ser humano é essencialmente social. Através de sua interação com as outras pessoas vão se formando, particularmente, suas opiniões e comportamentos. A capacidade de aprender com o outro, de discutir, de procurar soluções para desafios, de aceitar regras, de ter convicção de suas próprias ideias e capacidade de defendê-las são atitudes que os alunos desenvolvem no trabalho em grupo, levando-os a selecionar informações, encontrar estratégias para solucionar problemas e demonstrar maior disponibilidade para aprender.

Foi perceptível, em meu estágio, a superioridade do trabalho em grupo sobre o trabalho individual no desenvolvimento de capacidades de compreensão e envolvimento, pois abrangeu pontos de vista diferentes de meus alunos, possibilitando a troca de conhecimentos e ideias, o que, no trabalho individual, muitas vezes não foi possível. Sendo assim, considero fundamental em sala de aula oportunizar aos alunos a possibilidade de desenvolver habilidades de argumentação,

cooperação e respeito entre eles por meio de atividades em grupo. Assim o tema em estudo não foi escolhido por mero acaso, mas por experiências significativas e relevantes de práticas pedagógicas que ocorreram em meu estágio curricular e precisam ser melhor analisadas e compreendidas quanto aos seus efeitos e desdobramentos sobre os processos de construção do conhecimento da turma.

Este trabalho tratará, então, de buscar entender como a dinâmica do trabalho em grupo contribui para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, objetivando entender a importância de familiarizar os alunos com essa forma de trabalho que, muitas vezes, é banalizado e pouco valorizado pelos educadores.

Acredito no processo construtivo da aprendizagem e entendo que para alcançar esse objetivo é necessário lançar problemas e desafios, a fim de que os alunos utilizem seus conhecimentos prévios, na busca de respostas, refletindo, discutindo, interpretando e criando em meio a trocas com os colegas.

Nesse sentido, aprofundarei o tema “Trabalho em grupo”, utilizando embasamento teórico que contribua para repensar esta dinâmica em sala de aula. Buscarei aporte teórico em Madalena Freire, Pichon-Rivière e Paulo Freire por apresentarem colaborações relevantes sobre este assunto, não desprezando outros autores que também contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho e que poderão acrescentar elementos significativos ao tema estudado.

## 2 CONCEITUAÇÕES DE GRUPO E PROCESSO GRUPAL

### Grupo é...

A cada encontro: imprevisível.

A cada interrupção da rotina: algo inusitado.

A cada elemento novo: surpresas.

A cada elemento já parecidamente conhecido: aspectos desconhecidos.

A cada encontro: um novo desafio, mesmo que supostamente já vivido.

A cada tempo: novo parto novo, compromisso fazendo história.

A cada conflito: rompimento do estabelecido para a construção da mudança.

A cada emoção: faceta insuspeitável.

A cada encontro: descobrimentos de terras ainda não desbravadas.

Grupo é grupo.

(Madalena Freire)

Esse tema – trabalho em grupo – é estudado por diversos campos do saber (psicologia social, psicanálise, sociologia, dentre outros), havendo diversos enfoques teóricos. Na educação, quando se pensa em trabalho em grupo, destaca-se que ele favorece a interação entre os alunos, incrementando a qualidade das aprendizagens e a aquisição de novos conhecimentos. Além disso, desenvolve as habilidades sociais, possibilitando o diálogo entre os integrantes do grupo, facilitando a comunicação e a inclusão dos mesmos no grupo. É oportuno dizer que os alunos compreendem o que significa ajuda mútua em suas aprendizagens durante o trabalho em grupo, favorecendo a cooperação face às intenções do grupo.

Vários autores vêm dedicando seus estudos a este tema. Entre estes autores, a educadora Madalena Freire, em seu texto “O que é um grupo?”, define grupo falando de suas características e do papel de cada integrante. Segundo Freire (2005), ao cumprir com as tarefas, o grupo deixa de ser um amontoado de pessoas, tornando-se um grupo com objetivos mútuos, em que cada um dos participantes assume seu papel com identidade própria, porém introjeta o outro dentro de si, dando início à construção do grupo - o que Pichon-Rivière chama de grupo interno. Madalena Freire, em seu poema, coloca algumas características do grupo como o encontro, a surpresa, o imprevisível, o compromisso, o conflito. Para Madalena Freire:

Esta trama grupal onde se joga com papéis precisos, às vezes estereótipos, não é um amontoado de indivíduos. Mais complexo que isso. Grupo é um resultado da dialética entre a história do grupo (movimento horizontal) e a história dos indivíduos com seus mundos internos, suas projeções e

transferências (movimento vertical) no suceder da história da sociedade em que estão inseridos (Freire, 2005).

Segundo Madalena Freire (2005) há dois tipos de grupos: o primário e o secundário. O primário é a família; e o secundário são grupos de estudo, trabalho, instituições etc. Através desses grupos, afirma a autora, encontramos a forma de ser, de estar no mundo, desempenhando papéis que se mantêm, muitas vezes, no decorrer de nossa vida.

Outros autores que desenvolveram uma série de estudos com relação à organização grupal são Kurt Lewin, Pichon-Rivière e Martin-Baró.

Kurt Lewin (1920-1940), pioneiro e impulsionador da Dinâmica de Grupo e vinculado à Psicologia da Gestalt, introduziu termos como coesão, liderança, pressão de grupo etc. Para Kurt Lewin:

A essência de um grupo não é a semelhança ou a diferença entre seus membros, mas a sua interdependência. Pode-se caracterizar um grupo como um "todo dinâmico"; isto significa que uma mudança no estado de qualquer subparte modifica o estado de todas as outras subpartes. O grau de interdependência das subpartes de membros do grupo varia desde a "massa" amorfa a uma unidade compacta. Depende, entre outros fatores, do tamanho, organização e intimidade do grupo (Lewin, 1985, p. 100).

Em seus estudos sobre pequenos grupos, Kurt Lewin analisou-os em termos de espaço topológico e de sistema de forças, captando a dinâmica estabelecida pelas pessoas numa interdependência em relação a uma tarefa proposta e em relação aos integrantes, no que diz respeito à atração, afeição e outros aspectos considerados pelo autor.

As experiências e reflexões do autor e psicanalista argentino Enrique Pichon-Rivière o ajudaram a definir grupo como “[...] todo conjunto restrito de pessoas, ligadas entre si por constantes de tempo e espaço, e articuladas por sua mútua representação interna, que se propõe, de forma explícita ou implícita, uma tarefa que constitui sua finalidade” (Pichon-Rivière, 1998, p. 234). Pichon-Rivière (1998), baseado na tradição legada por Lewin, desenvolveu uma abordagem de trabalho em grupo denominando de “Grupo Operativo” e caracterizou-o por estar centrado, de forma explícita, em uma tarefa que pode ser o aprendizado, a cura, o diagnóstico de dificuldades etc.

Considerando a teoria de Ignacio Martín-Baró (Martín-Baró, 1989, p. 206 *apud* Martins, 2010, p.23), grupo é “aquela estrutura de vínculos e relações entre pessoas que canaliza em cada circunstância suas necessidades individuais e/ou interesses coletivos”. Martín-Baró ressalta, ainda, o grupo como uma estrutura social, “é uma realidade total, um conjunto que não pode ser reduzido à soma de seus membros”: “a totalidade do grupo supõe alguns vínculos entre os indivíduos, uma relação de interdependência que é a que estabelece o caráter de estrutura e faz das pessoas membros” (Martín-Baró, 1989, p. 206 *apud* Martins, 2002, p.233).

## 2.1 Funcionamento e desenvolvimento do grupo

Na perspectiva pichoneana de grupos operativos, dois fatores são fundamentais para o surgimento do grupo: o **vínculo** e a **tarefa**. As ideias centrais de um grupo operativo giram em torno do **vínculo** e da **tarefa**, que vão se constituindo a partir da **comunicação** entre os membros do grupo.

Segundo Pichon-Rivière, **vínculo** é “como uma estrutura complexa que inclui um sujeito, um objeto e sua mútua inter-relação com processos de comunicação e aprendizagem” (Pichon-Rivière, 2005, *apud* Villani; Silva, 2006 p. 3). Em outras palavras, é a representação subjetiva que cada um dos membros tem sobre si e sobre os outros, ela é construída na interação dos mesmos num tempo e espaço comum e é mútua, porque acontece quando internalizamos o outro e somos internalizados por ele.

A **tarefa** é a trajetória que o grupo percorre para alcançar seu objetivo. Na busca do seu objetivo, a realização de uma tarefa compreende simultaneamente os processos de integração, aprendizagem e produtividade. Neste momento, o grupo passa por diversas instâncias, das quais duas são mais significativas: etapas temporais (abertura, desenvolvimento e fechamento das atividades grupais) e momentos dinâmicos de uma tarefa grupal (pré-tarefa, tarefa e projeto).

A **pré-tarefa**, devido à ansiedade provocada pelos medos básicos, é caracterizada pelo medo do novo. Esse medo pode ser da discriminação, o medo do não-saber, que Pichon-Rivière denomina de *ansiedade confusional*.

O grupo tenderá a apresentar uma resistência à mudança e uma estereotipia dos papéis. Na **tarefa**, o sujeito modifica sua atitude em relação às mudanças propostas, ocorre quebra de estereótipos e o grupo, enquanto uma unidade, reúne seus esforços, tanto individuais quanto grupais, no sentido da mobilização. Este é o momento no qual o grupo inicia a superação dos medos que perturbam a aprendizagem. E no **projeto** o grupo pode propor objetivos para além do “aqui e agora” e planejar o futuro. Cada componente do grupo vai assumindo sua “nova” identidade, melhor adaptado à realidade com a qual ele interage: os integrantes passam a funcionar de maneira original e como um grupo operativo.

O grupo de aprendizagem vai se desenvolvendo à medida que experimenta uma mudança, marcando o ritmo da dinâmica grupal e propiciando situações favoráveis à própria aprendizagem. O processo de aprendizagem grupal no trabalho em grupo é marcado por configurações que vão se formando ao longo do tempo e que se relacionam com o contexto em que o grupo se encontra e com a tarefa explícita a ser resolvida. Esta dinâmica é marcada pela assunção e adjudicação de **papéis**. Pichon-Rivière (2000), em sua teoria sobre grupos, aponta cinco papéis que os participantes de um grupo podem desempenhar.

O papel de **líder de mudança** implica que o indivíduo se encarregue de levar adiante as tarefas, enfrentando os conflitos, buscando soluções, arriscando-se ao novo. Em contrapartida a este papel, há o **líder de resistência**, este não se arrisca. Mas um líder não existe sem o outro, eles mantêm o equilíbrio do grupo. O **bode expiatório** é o participante que assume as culpas do grupo, serve de depositário desses conteúdos, livrando o grupo de mal-estar, medo e ansiedade. Outro papel desempenhado dentro do grupo é o **silencioso**, que assume as dificuldades dos outros em estabelecer comunicação, fazendo com que o resto do grupo obrigue-se a falar. O último papel é o de **porta-voz**, é o que consegue dar forma aos sentimentos e angustias do grupo, que muitas vezes estão latentes.

Por vezes, no trabalho em grupo, os participantes assumem o papel de líder e de modelo a ser seguido pelos outros participantes, porém este papel não é fixo, podendo revezar-se de acordo com cada encontro. No caso do líder, ele pode ser classificado em quatro tipos diferentes: democrático, autocrático, demagógico, laissez-faire.

O líder democrático vai ajudar o grupo a sair de uma situação dilemática. Enquanto o autocrático é o tipo tirano que dá as ordens. O demagógico vai atuar como um “impostor” mantendo uma aparência democrática. E o último, laissez-faire, é aquele que não assume nenhum compromisso diante do grupo.

## **2.2 A Dinâmica grupal e o papel de coordenador ou facilitador**

A Dinâmica Grupal trata das relações de seus sujeitos quando em grupos sociais. A dinâmica grupal tem várias concepções e pode-se classificar de três formas: ideológica, tecnológica e fenomenológica. A dinâmica de grupo é um instrumento de aproximação de interesses. Ocorre num movimento dialético, onde cada alvo alcançado transforma-se, imediatamente, em um novo ponto de partida. É permeada de perdas e ganhos que devem ter uma resultante positiva e, portanto, operativa. São nessas idas e vindas do movimento dialético que vão ocorrendo os ajustes e correções de conceitos, preconceitos, tabus, fantasias inconscientes, idéias preconcebidas e estereotipadas.

Neste processo de intervenção, o papel de coordenador do grupo, segundo Pichon-Rivière (1998), é um papel prescrito, com o objetivo de ajudar os membros do grupo a pensar, abordando os obstáculos epistemológicos, configurados pelas ansiedades da tarefa e da rede de comunicação. Cabe ressaltar que, no decorrer do processo, há a ocorrência dos vetores que fundamenta a operação dentro do grupo que são a filiação, cooperação, pertinência, comunicação e aprendizagem.

Seu papel é de agente facilitador da interação dos membros do grupo. Ele estabelece com estes um vínculo que possibilita a troca de experiências e informações, possuindo respostas inovadoras frente aos entraves surgidos na relação. Permite elementos aglutinadores das necessidades grupais, isto é, os porta-vozes que se reportam à tarefa com criatividade. Percebe as ansiedades grupais depositadas em um "bode expiatório". O coordenador operativo permite a emergência de uma liderança informal, espontânea, que vem a colaborar com seu papel.

### **2.3 A influência do grupo e as aprendizagens construídas pelos sujeitos**

A influência do grupo é exercida sobre cada indivíduo, pois as personalidades que as pessoas têm são diferenciadas. O grupo tem como fator a orientação, o esclarecimento, o apoio, a proteção, a ajuda. Essas influências é que moldam o indivíduo. Os valores, atitudes e percepções (que formam a estrutura psicológica dos indivíduos) bem como a história de grupo, a cultura e as subculturas são socialmente compartilhados neste processo.

Considerando o indivíduo como a menor parte de uma organização, neste caso, o trabalho em grupo, percebe-se um conjunto de valores e atitudes, além de sua personalidade. A sua percepção do ambiente de trabalho, envolvendo todas as demais pessoas ali presentes, afetará o seu nível de motivação, bem como a sua aprendizagem, sendo esses os determinantes de seu comportamento individual.

Criar conhecimento em grupo é uma tarefa difícil. Por isso, cada vez mais é importante que se construa, no trabalho em grupo, a idéia de que a eficácia não é resultado de único esforço individual, mas sim resultado de ações sinérgicas, com um forte sentido de cooperação. O trabalho em grupo proporciona uma interação entre as pessoas a partir da qual elas tanto aprendem como são sujeitos do saber, mesmo que seja apenas pelo fato da sua experiência de vida; dessa forma, ao mesmo tempo em que aprendem, ensinam.

Dessa forma, aprender em grupo requer atitude mental aberta, investigatória e científica que vem a ser uma nova leitura da realidade e de sua apropriação ativa, não ficando somente no discurso, mas nas ações do dia a dia. Nessa aprendizagem que mobiliza mudanças, o integrante deixa de ser espectador e passa a ser o protagonista de sua história e da história de seu grupo que, ao partir da informação, apropria-se dela e transforma-a.

### **2. 4 Semelhanças entre as ideias de Paulo Freire e Pichon-Rivière**

Para Paulo Freire e, também, para Pichon-Rivière, o ser humano é um “ser criador”. Portanto, os dois concebem o conhecimento como estando embasado na prática social, e não como produto de uma ação individual do homem. Além disso,

em outros dois aspectos, que serão comentados a seguir, eles se aproximam: círculos de cultura e grupos operativos, concepção de aprendizagem.

Na sua prática pedagógica, Paulo Freire criou os **círculos de cultura**, que são unidades de ensino substitutivas da escola tradicional. Espaços em que as pessoas se reuniam para discutir a vida familiar e profissional, aprendendo com o grupo e ampliando significações de suas “leituras do mundo”. Acontecia uma ação educativa libertadora. Paulo Freire fala que, na formação de grupos de variado número de pessoas, os temas a serem discutidos eram estabelecidos em conjunto. O educador podia acrescentar algum “tema de dobradiça” alicerçado no saber popular e prática social: “[...] assuntos que se inseriam como fundamentais no corpo inteiro da temática, para melhor esclarecer ou iluminar a temática sugerida pelo grupo popular” (Freire, 1986, p.14 *apud* Oliveira, 2008 p.5). Através do diálogo, os educandos aprendiam de forma reflexiva e crítica a encontrar formas de transformar a realidade, constituindo, através da consciência, da fala e do diálogo, a “consciência transitiva crítica” articulada com a práxis. Em uma de suas obras, Paulo Freire enuncia o rompimento dos esquemas verticais da educação bancária pela mudança dos papéis de educador e educando e pela utilização do diálogo:

Dessa maneira, o educador não é o que apenas educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa [...]. Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo (Freire, 1996, p. 39 *apud* Oliveira, 2008, p.5).

A partir da experiência clínica, **Pichon–Rivière** cria a formação de **grupos operativos** homogêneos ou heterogêneos, centrados numa tarefa claramente definida. Origina-se uma didática grupal em que teoria e prática se entrelaçam, e as funções de mestre e de aprendiz se alternam de forma saudável. O grupo aprende a aprender e a pensar na desconstrução de conceitos e certezas estabelecidos. Há dois tipos de tarefa: uma explícita relativa ao objeto definido, e uma implícita, referente ao próprio grupo, em um entrelaçamento entre a verticalidade (história pessoal de cada membro) e a horizontalidade (dimensão do momento atual vivido pelo grupo). Ainda em relação aos grupos operativos, Pichon afirma que “A análise das ideologias é uma tarefa implícita na análise das atitudes e do esquema

conceitual, referencial e operativo [...]” (Pichon-Rivière, 1980, p.93 *apud* Oliveira, 2008, p. 6).

Para Pichon–Rivière, a doença mental está associada a um distúrbio ocorrido no processo dialético de aprendizagem do real. É uma alteração da seqüência operativa entre fechamento e abertura na dinâmica de aquisição e assimilação de conhecimentos. O vínculo, significativo para a aprendizagem, é definido como uma estrutura complexa, composta pelo sujeito, o objeto e a sua interação com os processos de comunicação e aprendizagem. Na Teoria do Vínculo, Rivière chama de vínculo a “[...] maneira particular pela qual cada indivíduo se relaciona com outro ou outros, criando uma estrutura particular a cada caso e a cada momento [...]” (Pichon-Rivière, 1986, p. 24 *apud* Oliveira, 2008, p.6).

Pichon-Rivière, ao pensar o homem, diz ser uma subjetividade construída socialmente como um sistema aberto, incompleto, que “faz sistema com o mundo”, portanto, é um ser contextualizado e histórico. O homem aprende constantemente, imerso em uma trama vincular que, mais que a socialização – termo controvertido e criticado - alicerça uma “endoculturação”.

Em Paulo Freire, o conceito de aprendizagem não está definido pura e simplesmente em uma frase, porém encontra-se embutido dentro de outros conceitos como: educação, diálogo, homem como um ser de relações, atividade criadora e na superação da consciência ingênua. Acreditamos que cada um desses conceitos, que fazem parte da teoria de conhecimento desenvolvida por Paulo Freire, contenha os ingredientes necessários à ação de aprender. Por exemplo, quando tece comentários sobre a consciência bancária presente na educação, ele afirma que:

O professor ainda é um ser superior que ensina a ignorantes. Isto forma uma consciência bancária. O educando recebe passivamente os conhecimentos, tornando-se um depósito do educador. Educa-se para arquivar o que se deposita. Mas o curioso é que o arquivado é o próprio homem, que perde assim seu poder de criar, se faz menos homem, é uma peça. O destino do homem deve ser criar e transformar o mundo, sendo o sujeito de sua ação. (Freire, 1979, p. 38 *apud* Oliveira, 2008, p. 7).

Dessa forma, a aprendizagem é arrancada das tradicionais concepções “bancárias”, citadas anteriormente, tornando-se problematizadora. Longe de uma doação feita por alguém que detém maior saber, torna-se horizontal e dialógica. Em

decorrência, o conhecimento construído através desta forma de aprendizagem é crítico e transformador, incidindo de forma saudável sobre a realidade circundante e permitindo ao homem uma nova práxis.

À medida que avançamos nestes dois aspectos, outros não menos interessantes emergem: a utilização de técnicas dramáticas (o teatro do oprimido, no caso de Paulo Freire, o psicodrama em Pichon); a similaridade entre o educador popular do primeiro e o agente social do segundo.

### 3 VIVENCIANDO TRABALHO E APRENDIZADO EM GRUPO

Este trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa que objetiva interpretar as características dos grupos e o processo de aprendizagens mútuas nos trabalhos que foram realizados durante meu período de estágio. De posse dos referenciais teóricos que fundamentam este trabalho e com base nas experiências e práticas pedagógicas ocorridas durante o estágio curricular, no qual foi desenvolvido o projeto “Meio Ambiente”, descrevo e analiso algumas das atividades planejadas e executadas que envolveram trabalhos em grupo.

No decorrer do estágio curricular, desenvolvi com os alunos atividades diversificadas que envolviam convivência, reflexões, troca de ideias, diálogo e ação compartilhada nos trabalhos em grupos, objetivando desenvolver aprendizagens mútuas e significativas construídas em grupo e oportunizando a socialização entre os alunos. Portanto, dentro do grupo, os alunos buscaram atingir os objetivos traçados. Cada integrante assumiu seu papel, deu sua opinião, se calou ou se manifestou, ou seja, manteve sua individualidade, sua identidade própria. Cabe ainda salientar que a socialização foi fator muito importante e facilitador da aprendizagem, o que se traduz como amadurecimento dos alunos na relação com o conhecimento mediada por mim uma vez que ocorreu uma ruptura em relação ao que ocorria há tempos atrás, quando a socialização não era levada em conta na aprendizagem, que se dava por memorização. Paulo Freire enfatiza essa questão quando coloca que:

Ensinar não é transferir conteúdo a ninguém, assim como aprender não é memorizar o perfil do conteúdo transferido no discurso vertical do professor, a aprendizagem não se dá por transferência de conteúdo, mas por interação, que é o caminho da construção. (Freire,1994, p.134).

Na interação estabelecida, houve constantes trocas entre os integrantes dos grupos que construíram o conhecimento pelo diálogo, superando obstáculos. As atividades propostas com trabalhos em grupo proporcionaram aprendizagens mútuas com relação à parte social, afetiva e cognitiva dos alunos mediados por mim, educadora. Segundo Madalena Freire:

Aprendemos a pensar junto com o outro, num grupo coordenado por um educador. Aprendemos a ler, construindo novas hipóteses na interação com o outro. Aprendemos a escrever organizando nossas hipóteses na interação com as hipóteses do outro. Aprendemos a refletir, estruturando nossas hipóteses na interação e na troca com o grupo. A ação, a interação e a troca movem o processo de aprendizagem. Função do educador é interagir com seus educandos para coordenar a troca na busca do conhecimento. (Freire, 1996, p.07)

Ainda, Pichon-Rivière (1972), citado no texto de Milton Bicalho (2006), fala que quaisquer que sejam os objetivos propostos num grupo (aprendizagem, criação artística e outros), eles têm por finalidade fazer com que seus integrantes aprendam a pensar sobre o objeto de conhecimento em co-participação, uma vez que pensamento e conhecimento não ocorrem individualmente, mas em produções coletivas.

Em uma das atividades em que trabalhamos com o subtema “O que é feito com o lixo?”, propus trabalho em grupo na criação e construção de objetos e/ou brinquedos com sucata (Anexo A), o que favoreceu o envolvimento de todos os integrantes dos grupos, pois cada um contribuiu nessa construção. Os alunos trouxeram, para esta atividade, sucata (caixas de ovos, latinhas de refrigerante, potinhos de iogurte, caixinhas de remédios, garrafas pet e outras embalagens) e cola, tesoura, tinta guache e pincéis. Dividi a turma em pequenos grupos de 4 integrantes, a fim de construírem um objeto ou brinquedo, fazendo uso da criatividade, com materiais trazidos pelos alunos para serem transformados e reaproveitados. Materiais que, de outro modo, teriam sido jogados no lixo. A atividade objetivou estimular nos alunos a criatividade e imaginação a partir de um trabalho cooperativo em que todos puderam colaborar com idéias, materiais e sugestões na realização da tarefa, percebendo que o lixo pode ser transformado e reaproveitado.

Os alunos fizeram trabalhos maravilhosos e não pude deixar de registrar alguns comentários em meu Diário de Bordo.

*... eu gosto de trabalhar em grupo, porque a gente aprende mais, a gente faz trabalhos bem legais, a gente pensa junto... Ah! Eu também gosto porque a gente faz coisas bem diferentes e podemos conversar sobre o que estamos fazendo e a professora sempre ajuda quando a gente precisa. (G1, 29/04/2010)*

Em outra atividade desenvolvida em pequenos grupos, a partir do slogan “*Jogue limpo com o meio ambiente*”, desenvolvemos o conceito de slogan trabalhando, também, o subtema “O que é feito com o lixo?”. A finalidade desta atividade foi desenvolver com os alunos o conceito de preservação e cuidado do meio ambiente por meio da criação de slogans sobre o lixo, envolvendo confecção de cartaz, exposição do mesmo na sala de aula e nos corredores da escola.

Depois de analisarmos o slogan quanto ao seu significado e modo de elaboração, foi proposta a criação de outros slogans sobre o lixo. Para isso a turma se organizou em grupos e, no grupo, elegeram um ou dois dos slogans criados por eles para escrever e ilustrar em um cartaz. Os cartazes (Anexo B), depois de prontos, foram expostos com a finalidade de conscientizar outros alunos da escola sobre a necessidade de cuidado com o meio ambiente. O assunto trabalhado dessa forma tornou a aula mais dinâmica numa relação dialógica e de respeito às diferenças, pois souberam manter uma relação amigável no momento de escolher um ou dois slogans dentre os vários inventados. Percebi amadurecimento em suas atitudes no que tange à aprendizagem do respeito às opiniões dos outros. Além disso, os alunos demonstraram entusiasmo com o trabalho em grupo, expressando isto em suas falas.

*... sabe “sora”, eu adoro quando a gente faz trabalho em grupo na sala de aula, dá mais agitação, mas é divertido... Nosso cartaz ficou bem legal, né?! Cada uma de nós fez uma parte, eu desenhei, a R6 pintou e a H9 escreveu... Agora eu já sei fazer slogan, é fácil! (Y3, 11/05/2010)*

Os jogos também fizeram parte das atividades em pequenos grupos. Eles promoveram aprendizagens significativas, envolvendo cálculos de multiplicação e desenvolvendo habilidades como atenção, raciocínio lógico-matemático e concentração. Na realização dos jogos, os integrantes de cada grupo se ajudavam mutuamente para descobrirem os resultados. Em uma das aulas com jogos sobre a multiplicação (*Bingo da tabuada* e *Corrida do vai e vem*) (Anexo C), os alunos responderam a um pequeno relatório de aprendizagens, no final da aula, o qual continha perguntas referentes às atividades realizadas.

- 1) O que você está achando do conteúdo que está sendo desenvolvido?  
*Eu estou gostando, mas tenho um pouco de dificuldade em fazer continhas de vezes.*

- 2) No trabalho envolvendo multiplicação o que você mais gostou de fazer? Por quê?  
*O que eu mais gostei de fazer foi jogar os jogos porque é divertido e eu aprendi bastante.*
- 3) Que tipo de atividade te ajudou a compreender melhor este assunto?  
*Foi com os joguinhos.*
- 4) Como os jogos auxiliaram a compreender melhor a multiplicação? Por quê?  
*Eu comecei a pensar e a contar até acertar o resultado. Porque quando eu não sabia meu colega me ajudava e eu ajudava ele. (D8, 21/05/2010)*

Uma das atividades de que os alunos gostaram muito e sobre a qual também puderam discutir, trocar idéias e usar a criatividade, assumindo cada um seu papel no grupo, foi a construção de um cartaz. Como vinha desenvolvendo com meus alunos o subtema “*Extinção: é possível evitar?*” e os alunos apresentaram grande interesse em conhecer mais sobre a vida animal, planejei a construção em grupo de um cartaz com um mosaico de animais ameaçados de extinção, podendo colocar informações ou curiosidades sobre eles com uma mensagem ou frase para conscientizar as pessoas da necessidade de preservação das espécies de animais em extinção. Para esta atividade, os alunos trouxeram recortes de animais, informações e curiosidades. Também disponibilizei alguns livros e revistas para pesquisa. Num primeiro momento, solicitei que se organizassem em grupos de 4 integrantes e trocassem idéias a respeito de como fariam o mosaico para, juntos, criarem uma frase ou mensagem, podendo enriquecer ainda mais o trabalho com informações ou curiosidades trazidas por eles.

Os alunos realizaram aprendizagens mútuas significativas pela interação durante a produção do mosaico dos animais em extinção. Eles alunos trouxeram de casa e pesquisaram, em revistas e em livros, muitas figuras de animais e informações interessantes sobre a vida destes animais, a fim de montarem um cartaz com o mosaico e informações visando à conscientização da comunidade escolar sobre o nosso compromisso no que diz respeito à preservação da vida destes animais. Os cartazes (Anexo D) expostos na escola atraíram a curiosidade de todos, deixando a turminha orgulhosa de seus trabalhos. Conversando com eles sobre o trabalho, surgiu o seguinte comentário em sala de aula por uma das alunas.

*Professora, na hora do recreio tinha um monte de alunos das outras turmas que estavam olhando nossos cartazes e até a diretora foi lá ver como ficou. Eu, o B5, o W8 e a E7 mostramos o nosso cartaz para ela e ela nos disse*

*que ficou muito bonito. Eu disse que eu que dei a idéia de fazer o cartaz daquele jeito, mas que todos ajudaram. (L1, 09/06/2010)*

A produção textual da *Declaração Universal dos Direitos dos Animais de Estimação* foi atividade proposta para ser realizada em pequenos grupos. Partindo de um diálogo com os alunos sobre os direitos dos animais e de questionamentos: Vocês acham que os animais, assim como o ser humano, possuem direitos? E em sua opinião quais direitos os animais devem ter?, ouvi suas falas e trocamos idéias a respeito do assunto. Em seguida, convidei a turma para lermos o texto da *Declaração Universal dos Direitos dos Animais*. Ao lerem, verificaram se haviam falado sobre algum dos direitos apresentados. Após responderem questões sobre o texto, propus que, em duplas, fizessem uma produção textual: a *Declaração Universal dos Direitos dos Animais de Estimação*, dando atenção aos detalhes de uma declaração, como: numeração de artigos, repetição das expressões (Todo animal de estimação..., Cada animal...), desenvolvimento de ideias em parágrafos diferentes.

Os alunos se organizaram em duplas ou trios para criarem a declaração (Anexo E) e a ilustrarem, os trabalhos foram expostos para o grande grupo através de leitura e amostra do desenho. Esta atividade teve como finalidade oportunizar aos alunos a discussão e troca de ideias em duplas ou trios, produzindo e ilustrando um texto com os direitos dos animais de estimação. A atividade atingiu aos objetivos propostos, pois todos os integrantes dos grupos ajudaram na realização da tarefa e produziram bonitas declarações com demonstração de carinho e respeito pelos animais de estimação, evidenciando aprendizagens importantes sobre este assunto e sobre a forma de produção da escrita de uma Declaração. Em meio à realização deste trabalho, surgiram comentários que foram registrados em meu diário de classe.

*...sora vem ver como ficou nosso texto, e agora vamos fazer um desenho e já até combinamos o que vamos desenhar...*

*...eu adoro meu cachorro ele é um amor e eu cuido bem dele, se todo mundo cuidasse bem de seus bichinhos de estimação não ia ter mais cachorro soltos morrendo de fome nas ruas... (M5, 14/06/2010)*

Com base em Madalena Freire (2005), as características de um grupo podem ser traduzidas como movimentos e trocas que envolvem:

- encontro;

- surpresa;
- o imprevisível;
- compromisso, ou seja, todos os integrantes direcionem seus esforços na meta;
- conflito;
- busca de objetivos mútuos;
- participação na atividade do grupo;
- intercâmbios múltiplos entre os membros do grupo (sorrisos, cumplicidade);
- coesão;
- liderança;
- vínculo.

Considerando essas características e os trabalhos descritos e analisados, identifiquei elementos semelhantes nos grupos de alunos que se constituíram para a realização das atividades planejadas. Nos trabalhos em grupo foram observadas as seguintes características:

- o encontro que se traduziu em um novo desafio de aprendizagem colaborativa para o grupo;
- a busca de objetivos comuns quando se uniram para a realização das atividades propostas;
- o compromisso com a atividade proposta por parte de todos os integrantes, direcionando-se para atingir a meta, neste caso, o cumprimento da atividade;
- os conflitos gerados por discussões e acertos que encaminham para o operatividade;
- a participação de todos os integrantes na atividade em grupo;
- as trocas e interações múltiplas que ocorreram nos grupos durante a realização das atividades;
- a coesão do grupo durante a realização do objetivo comum, isto é, da tarefa explícita;
- a liderança de um integrante organizador do grupo;
- o vínculo na interação mútua entre os integrantes;

Referentes aos grupos de alunos com os quais foram desenvolvidos os trabalhos, os seguintes aspectos observados se destacaram como características de seus líderes que:

- inspiraram confiança e respeito aos demais integrantes do grupo;
- buscaram compreender e congregar os interesses do grupo;
- possuíam ideias novas e interessantes, foram criativos;
- foram amigos e sociáveis;
- assumiram responsabilidades no grupo;
- foram comprometidos com a tarefa do grupo;
- foram questionadores e investigadores;
- estimularam a participação e colaboração dos demais integrantes do grupo;
- gostavam de desafios;
- canalizavam esforços para a consecução do objetivo comum;
- foram dinâmicos;
- procuraram manter a ordem no grupo;
- tiveram iniciativa, tomando frente para as decisões;
- foram conciliadores;
- foram contestadores;
- davam oportunidade a todos os integrantes, ajudando na solução do problema.

Cabe aqui ressaltar que a liderança é entendida como um processo interacional com características próprias. Sendo assim, os líderes surgiram durante o processo de interação dos integrantes, sendo observado, em alguns grupos, a abertura de espaços para emergir lideranças que ora se voltavam para o cumprimento da tarefa ora se preocupavam em canalizar as emoções do grupo para a realização da atividade de acordo com o que foi estabelecido.

Partindo da identificação dos líderes nos trabalhos em grupos e das observações de suas características, as mesmas podem ser classificadas a partir do que propõe Pichon-Rivière (1998). A maioria dos líderes que se identificaram na turma foi do tipo democrático, pois procuravam ser um integrante normal e estimulavam a participação de todos, permitindo que as decisões fossem tomadas de forma coletiva. No entanto, também se observou a presença da liderança autocrática que tinha como foco, única e exclusivamente, a conclusão das tarefas e tomava decisões pelo grupo, desconsiderando as opiniões dos outros integrantes e entrando em conflito com eles. Em menor incidência foi identificada a liderança

laissez-faire que é uma liderança fraca e, de certa forma, negligente com o grupo quanto ao desenvolvimento da tarefa.

Esta análise nos faz refletir sobre a importância dos trabalhos em grupo no ambiente escolar para a construção das aprendizagens mútuas dos alunos, promovendo o desenvolvimento da capacidade crítica, dialógica e de decisão no grupo por meio da expressão de suas ideias e partilha de informações. Nesta proposta, o aluno torna-se um sujeito ativo e autor do seu próprio conhecimento.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Sendo a sala de aula um espaço do ambiente escolar onde as multiculturas e os múltiplos saberes se encontram, cabe ao educador dar um olhar atento a ações pedagógicas que envolvem trabalhos em grupo.

Considero o trabalho em grupo uma ação pedagógica que privilegia as habilidades do aluno, o qual necessita comunicar-se, interagir e dialogar com outros saberes para desenvolver-se plenamente. O trabalho em grupo oportuniza não só momentos de trocas no grupo, que são fundamentais para que todos os integrantes possam ter acesso ao conhecimento assimilado que levará à aprendizagem, como também o desenvolvimento afetivo, integrador e social. As atividades em grupo desenvolvidas e analisadas como leituras, escritas, apresentações, exposições, jogos, criações espontâneas e outras construções, quando estimulantes e diversificadas, promovem não só a aprendizagem como também auto-estima e a integração dos alunos.

O educador, no papel de coordenador e facilitador, precisa estar atento à organização e dinamização das ações dos grupos, fazendo intervenções, desafiando o aluno a alcançar metas e vencer as dificuldades e o auxiliando na construção de suas aprendizagens. O principal objetivo do trabalho em grupo é possibilitar aos alunos o envolvimento ativo em seu aprendizado a partir de uma meta comum e aceita por todos os integrantes do grupo. Esse agrupamento permite que os alunos trabalhem em conjunto para construir seu próprio aprendizado junto com os demais.

Acredito, assim, que os trabalhos em grupo na sala de aula favoreceram o processo ensino-aprendizagem, pois a participação dos alunos foi positiva e construtiva e os resultados obtidos, tanto em sala de aula, quanto no desenvolvimento do projeto de estágio curricular, foram muito bons, demonstrando que a proposta teve êxito quanto às aprendizagens dos alunos.

## REFERÊNCIAS

BICALHO, Milton. **Elementos da Concepção Operativa de Grupo**. 2006. Disponível em <[http:// www.smmfc.org.br/gesf2006/gopbicalho2.pdf](http://www.smmfc.org.br/gesf2006/gopbicalho2.pdf)> Acesso em 29/09/2010.

FREIRE, Madalena. **Observação, Registro e Reflexão: instrumento metodológico I**. 2 ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

FREIRE, Madalena. **O que é um grupo**. 2005. Disponível em <[http://www.angelfire.com/.../grupo01materesa\\_25022005.htm](http://www.angelfire.com/.../grupo01materesa_25022005.htm)> Acesso em 29/09/2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 3ºed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

LEWIN, K. **Problemas de Dinâmica de Grupo**. São Paulo: Cultrix, 1985.

MARTINS, Sueli Terezinha F. **Processos grupais: construindo consensos e ações coletivas**. Disponível em <[http://www.ibb.unesp.br/nepp/documentos/.../Palestra\\_processo\\_grupal\\_Sueli.pdf](http://www.ibb.unesp.br/nepp/documentos/.../Palestra_processo_grupal_Sueli.pdf)> Acesso em 29/09/2010.

MARTINS, Sueli Terezinha F. **Educação científica e atividade grupal na perspectiva sócio-histórica**. Ciência & Educação. v.8, n. 2, p. 227 – 235, 2002. Disponível em <<http://www2.fc.unesp.br/cienciaeeducacao/include/getdoc.php?id=567&article=199&mode=pdf>> Acesso em 04/10/2010.

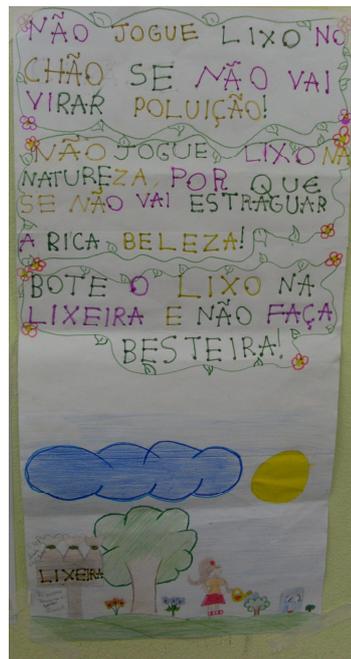
OLIVEIRA, Eloísa da Silva G. **Paulo Freire E Pichon-Rivière: Aproximações conceituais em torno da Educação e da Psicologia**. Rio de Janeiro: CEH/UERJ, 2008. 12 f. Disponível em: < [http://www.ceh.uerj.br/revista/.../Eloisa%20Silva\\_digital.pdf](http://www.ceh.uerj.br/revista/.../Eloisa%20Silva_digital.pdf) > Acesso em 29/09/2010.

PICHON-RIVIÈRE, E. **O processo grupal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VILLANI, Alberto; SILVA, Glauco S. F. da. **A construção de intersubjetividades nas aulas de Física: como e por que um grupo funciona?** São Paulo: USP, 2006.

11 f. Pós Graduação em Ensino de Ciências-Modalidade Física-USP, Instituto de Física-USP, Ensino de Física, Intersubjetividade, Grupo Operativo. Disponível em <<http://www.sbf1.sbfisica.org.br/eventos/epef/x/sys/.../T0105-1.pdf>> Acesso em 29/09/2010.

**ANEXO A – Brinquedo confeccionado com sucata**

**ANEXO B – Cartaz com slogans**

**ANEXO C – Jogo em pequeno grupo**



## ANEXO D – Cartazes com mosaico



## ANEXO E – Declaração dos direitos dos animais de estimação

